

## CARTAS DE GUIMARÃES ROSA A PEDRO BARBOSA (1934–1967)

## LETTERS FROM GUIMARÃES ROSA TO PEDRO BARBOSA (1934–1967)

Gustavo Castro\*  
gustavo.castro@fac.unb.br

Ana Saggese\*\*  
anasaggese@gmail.com

Relato crítico aprofundado e síntese poética circunstanciada da leitura da correspondência entre João Guimarães Rosa (1908–1967) e Pedro Moreira Barbosa (1907–2001) entre 1934 e 1967, presente no Arquivo Público Mineiro (APM), em Belo Horizonte. Mediante a leitura e análise das 95 cartas do referido arquivo, buscamos traçar os pontos mais relevantes do perfil biográfico de Guimarães Rosa. Surge das cartas um homem imaginativo, cômico, atento ao outro, às viagens, línguas, um pesquisador interessado pelas imagens, lugares e personagens do sertão e da Europa, assim como um diplomata preocupado em não se expor. Nossas conclusões apontam para a necessidade de aprofundamento hermenêutico e biográfico da referida correspondência.

**Palavras-chave:** Correspondência. Guimarães Rosa. Biografia. Pedro Barbosa. Epistografia.

In-depth critical account and detailed poetic synthesis of the reading of the correspondence between João Guimarães Rosa (1908–1967) and Pedro Moreira Barbosa (1907–2001) between 1934 and 1967, present at the Public Archives of Mineiro (APM), in Belo Horizonte. Through the reading and analysis of the 95 letters in the aforementioned archive, we sought to trace the most relevant points in Guimarães Rosa's biographical profile. From the letters emerges an imaginative, comical man, attentive to others, to travels, languages, a researcher interested in images, places and characters from the hinterland and Europe, as well as a diplomat concerned about not exposing himself. Our conclusions point to the need for a deeper hermeneutic and biographical study of the aforementioned correspondence.

**Keywords:** Correspondence. Guimarães Rosa. Biography. Pedro Barbosa. Epistography.

\* Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília (UnB), Brasília, Brasil.  
ORCID: 0000-0001-7126-6947

\*\* Mestre em Comunicação, Universidade de Brasília (UnB), Brasília, Brasil.  
ORCID: 0000-0002-5877-1858



## 1. Introdução

São bem conhecidas as cartas trocadas entre Guimarães Rosa e seus tradutores alemão e italiano, em respectivo, Curt Meyer-Clason (Rosa, 2003a) e Edoardo Bizzarri (Rosa, 2003b). Tal conhecimento se deve, entre outras coisas, à publicação das mesmas pela editora da UFMG. Apesar de também publicadas em livros, as cartas que o autor trocou com Paulo Dantas, Antônio Azeredo da Silveira e William Agel de Mello, costumam despertar menor interesse de estudiosos, apesar de trazerem um conjunto de ricas informações biográficas. No Fundo João Guimarães Rosa, do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (JGR/IEB-USP), que conserva o arquivo pessoal do escritor, podem ser encontradas ainda as correspondências com a tradutora da língua inglesa, Harriet de Onís; da língua francesa, Jean-Jacques Villard, e da castelhana, Angel Crespo.

Também sabemos das cartas desaparecidas entre o mineiro e seu colega de turma de Medicina, Aurélio Alves Caciquinho Ferreira (1904–1966). Essas cartas se perderam com uma inundação do rio São Francisco na cidade de Januária, onde vivia e trabalhava Ferreira. As águas invadiram a biblioteca do médico e destruíram as correspondências. Ainda dentro do espectro das cartas desaparecidas, de igual modo, merece destaque aquelas trocadas entre Rosa e Aracy Moebius, sua futura esposa, no ano de 1942–44, quando o autor servia como diplomata em Bogotá (Colômbia). Neste período, ele escreveu para Aracy todos os dias, cartas íntimas, cheias de saudade, muitas de conteúdo erótico, e que foram retiradas do Fundo JGR/IEB-USP e devolvidas à família. Poucos pesquisadores como Miné e Cavalcante (2008) tiveram a fortuna de lê-las.

No Fundo JGR/IEB-USP constam 2044 correspondências compreendidas entre “cartões de visita” (24); cartas “burocráticas” (68), com “editores” (761), “tradutores” (393), “complementar” (65), “terceiros” (53) e “pessoal” (680). Como se nota, são muitas as cartas presentes no arquivo e as possibilidades de estudos e análises seguem abertas, embora alguns trabalhos já tenham sido desenvolvidos, como os Viotti (2007), Andrade (2010), Theodozio (2011) e Abreu e Souza (2012).

Nosso interesse aqui, contudo, é o de analisar as 95 cartas trocadas entre Guimarães Rosa (1908–1967) e o primo, sócio e melhor amigo, Pedro Moreira Barbosa (1907–2001), entre 1934 e 1967. Pedro Barbosa era filho e herdeiro de Joaquina Cândida Moreira e Américo de Souza Barbosa, fazendeiros em Paraopeba e Caetanópolis (MG), próximo a Cordisburgo, cidade natal de Guimarães Rosa. Eram proprietários, entre outras, da Fazenda Pindaibas. Na juventude, nas férias e quando adulto, Rosa iria se hospedar algumas vezes nessa fazenda. A mãe de Pedro, Joaquina Cândida Moreira, inspiraria no futuro a personagem “Rosalina”, do conto “A Estória de Lélío e Lina”, de *Corpo de baile* (1956). Apesar de um ano mais velho do que Rosa, a formação de Pedro Barbosa se deu tardiamente. Ele se formaria em Medicina somente em 1935, mas logo largaria a carreira para se dedicar aos negócios da família (fazendas, fábrica de tecelagem e negócios imobiliários.)

As missivas estudadas estão sob a guarda do Arquivo Público Mineiro (APM) e foram lidas, relidas e fichadas para a melhor apreensão de seu conteúdo. Elas abrangem um período de 33 anos, que vai do serviço de Rosa como capitão-médico no 9º Batalhão da Força Pública, em Barbacena, em 1934, e, depois, diplomata no Rio de Janeiro, até 1967, poucos meses antes de sua posse na Academia Brasileira de Letras (ABL). Neste estudo, pretendemos focar os principais pontos da comunicação entre eles, com destaque para os aspectos biográficos e da formação literária do autor mineiro.

Realizamos aqui, portanto, uma leitura linear das 95 cartas, tentando apresentar, na medida do possível, o contexto e os temas presentes nas mesmas. Levaremos em conta as informações com dados biográficos que surgem e que podem nos informar a vida, mas também da literatura rosiana, como é o caso do conto “Substância”, de *Primeiras estórias* (1962) e o personagem “Mechéu”, de *Tutameia* (1967). Atentamos ainda para outras questões, como o arrependimento de não ter estudado direito; o interesse de JGR em “ficar rico”; seu lado glutão; as construções de palavras; o lado cômico; os planos de viagens ao sertão e à África; sua relação com o gênero epistolar; as questões consulares na Alemanha, França e as questões políticas no Brasil.

## 2. As primeiras cartas

Em uma carta de 1934, Rosa (Rosa, 1934–1967, Rosa a P. M. Barbosa, 18 agosto, 1934) conta de sua aprovação no concurso para o Itamaraty, revela suas expectativas, diz estar “nomeado, empossado, trabalhando, satisfeito”, e principalmente disposto a seguir a velha divisa: *Viam, aut inveniam, aut faciam!* [Ou encontrar um caminho ou fazê-lo]. Admite ter encontrado na diplomacia: “a minha verdadeira vocação”, por isso planeja se aplicar ao estudo do Direito e das línguas eslavas. Além disso, a partir daquele momento, pensava “escrever alguns livros de literatura e ver o mundo lá fora.”

Cinco meses antes dessa carta, em 10 de março, Rosa escreveu, de Barbacena, que não era bom ficar estacionário, por isso concebia novos e grandiosos planos para a sua vida e eles surpreenderiam Barbosa, quando soubesse. Rosa guardava segredo do que estava por vir (o concurso que faria para o Itamaraty). Ali, em gramática corrente, indagava ao primo sobre a “Mme. Medicina”, justo no momento em que ele mesmo pensava em abandoná-la: “vaes de amores com Mme. Medicina, mulher feia, ingrata, pedante, de certo, mas que vista de longe atrai os incautos.” (Rosa, 1934–1967, Rosa a P. M. Barbosa, 10 março, 1934).

Somente na carta seguinte, de 20 de março, faz a confissão, não sem antes solicitar sigilo absoluto, mas admite que estava decepcionado com a Medicina, sentindo até algum arrependimento de não ter se aplicado ao Direito, carreira mais compatível com seu temperamento.

Todavia, note-se bem, não me julgo um fracassado profissional; tenho navegado bem apesar de em águas pouco profundas. Mas falta-me amor da profissão, a adaptação às tarefas cotidianas, a necessária integração do homem ao ofício ou carreira. Não nasci para

isso, penso. Não é esta, digo como dizia D. Juan, sempre “*après avoir couché avec*”<sup>1</sup>. Primeiramente, repugna-me qualquer trabalho material – só posso agir satisfeito, no terreno das teorias, dos textos, do raciocínio puro, dos subjetivismos. Sou um jogador de xadrez – nunca pude, com o bilhar ou o futebol. (Rosa, 1934–1967, Rosa a P. M. Barbosa, 20 março, 1934, p. 1)

E segue a queixar-se da prática da clínica, que tem que fazer um:

(...) trabalhinho material, corriqueiro de examinar as mazelas alheias, de apalpar, mexer, remexer, tatear, esgravatar, posar, percutir, levantar roupas, cheirar excrementos malcheirosos, entrar em contato com a dor e o sofrimento, tudo isso para obter uma minguada remuneração pecuniária, (...) (*ibidem*)

Como se nota na leitura das cartas de 1934, a questão “pecuniária” será sempre vital para Guimarães Rosa. Definitivamente, era um homem que gostava de ganhar dinheiro, como se verá. Nas cartas estudadas, a questão financeira aparece, senão como o principal tema, como algo recorrente. Estivesse no Brasil ou no exterior, vemos que Pedro Barbosa não se nega a ajudar Rosa nas questões pessoais e de ordens práticas. Nessas ocasiões, Rosa sentia-se aliviado, uma vez que agradece com efusão, chamando o primo de “Pedro Barbosa, glorioso”; “grande capitalista e inventor de prédios poderosos”, “São Marcos”, entre outras alcunhas. No ano de 1937, a primeira correspondência data de 29 de janeiro, e Rosa escreve com novidades de sua participação no concurso da Livraria José Olympio, o Prêmio Humberto de Campos, em que obteve o segundo lugar. Esses mesmos contos seriam posteriormente retrabalhados e lançado no livro *Sagarana* (1946).

Às vésperas da Segunda Grande Guerra, vamos encontrar Rosa já empossado como cônsul-adjunto em Hamburgo, na Alemanha. Aos 20 dias do mês de maio (1939), o escritor diz que é lamentável não poder explicar por carta as coisas ligadas à questão migratória, por motivo “ultraconfidencial, reservadíssima, secreta mesmo” (Rosa, 1934–1967, Rosa a P. M. Barbosa, 20 maio, 1939, p. 1). Conta sobre a “guerra-assú” e a situação da embaixada brasileira, com multidões de judeus candidatos a visto em passaporte. Como podemos pressupor, Pedro Barbosa solicita ajuda do primo para conseguir a liberação dos documentos da Srta. Else Koptzky e outra moça.

(...) e tive o desprazer de ver-me obrigado a responder-lhe aconselhando que se dirigisse ao nosso Consulado em Berlim. Isto não obstante o meu grande desejo de resolver, da melhor maneira possível, o caso das duas jovens compatriotas de Kant. Mas, residindo ambas nos últimos seis meses, em Koeningsberg, isto é, na Prússia Oriental, território abrangido pela circumscrição (sic) consular de Berlim, achei-me de mãos atadas, não só pelo regulamento, que é categórico e peremptório, como também porque tenho sido até hoje um dos mais protestadores contra a invasão ou intromissão de outros Consulados na roça minha, isto é, na circumscrição (sic) hamburguesa. (*ibidem*. *Grifo do autor*)

O escritor explica o motivo do encaminhamento e aproveita para contar o ambiente de horror em que o país se encontra:

<sup>1</sup> Em tradução livre: “depois de dormir com”.

(...) em vista de pedidos, rogos, prantos, ameaças, o diabo: tenho visto e ouvido coisas absurdas, impossíveis. E... nem sempre a gente pode atender; quase nunca. Além disso como tem havido muita tentativa de alto suborno, e já se tenha ouvido muita calúnia contra cônsules, não é possível que a gente force muito nos pedidos dirigidos aos colegas. Se as suas protegidas fossem 100% semitas... bem deixemos de falar muito; direi apenas que talvez haja alguma esperança das duas Kopetzky embarcarem para o Brasil, como turistas. (*ibidem*)

Jura que se o caso dependesse dele, tudo estaria resolvido e, com o humor machista da época, brinca: “embarcariam as duas, uma para o Chiabi<sup>2</sup> e outra para você... ôpa! Ia me esquecendo de que você, aliás, nunca foi farrista – já é casado e pai” (*ibidem*). No final da carta, diz que não daria conta de tantos temas a desenvolver ali e que prefere contá-los quando estiver no Brasil. Não ficamos sabendo o desfecho da história. Teria a Srta. Else Kopetzky embarcado para o Brasil?

### 3. Mechéu, Pindaíbas e Paris

Sete anos depois, em 1948, Guimarães Rosa vive em Paris. Em 24 de setembro, escreve:

Paris é o pior posto para a gente ter uma ideia do desenrolar dos grandes acontecimentos do mundo. Em cidade tão formosa, tão gostosa, tão requintada e doce, a atmosfera não podia deixar de ser excessivamente branda, copiosa, enganadora, narcotizando as preocupações, adormecendo os receios, pondo vendas de seda perfumada nos olhos do indagador. (Rosa, 1934–1967, Rosa a P. M. Barbosa, 24 setembro, 1948, p. 1)

A partir desta data, começa a crescer entre os primos o desejo de realizar uma grande excursão ao interior de Minas Gerais, com direito à cabana, cavalos, guias e canoas navegando o Rio das Velhas. As cartas mostram que essa ideia incendeia o imaginário de Rosa. Ele pede para o primo estudar um roteiro a seguirem: “Vai estudando, indagando, patrão, Pedrinho. Já colheu informações de bons canoeiros, de boas praias para bivaque?”

Em 12 de abril de 1949, depois de um rigoroso inverno em Paris, Rosa escreve para dizer da saudade que sente do sertão. Se refere aos retratos que recebeu de Paraopeba, cidade onde fica a fazenda Pindaíbas.

Até os bezerros, e o zebu, posaram bem, dignamente. Reconheci os sítios: o poço no córrego, onde a água espuma nas lajes, umas pedras escamosas ou lisas, polidas por séculos de fluir, naquele bom rincão. E os coqueiros, os coqueiros que, vistos de longe, parecem ser só dois quando, são três e já foram quatro. Não é isso? Em espírito, transporto-me para lá, e as saudades fumegam, saudades borbulham como feijão quente, que você – ex-auxiliar do Mechéu – levava no caixote, para o pessoal que labutava na roça, Américo à frente, por eiras e leiras e fileiras... (Rosa, 1934–1967, Rosa a P. M. Barbosa, 12 abril, 1949, p. 1)

---

<sup>2</sup> Possível amigo comum de ambos.

Pela segunda vez,<sup>3</sup> Rosa se reporta a Mechéu, funcionário da Fazenda Pindaíbas e figura que viraria personagem principal do conto de mesmo nome, que compõe *Tutameia* (1967):

Tinha-se no caso de notar e trocar. Reapareceu [Mechéu], passou pelo terreiro de frente da fazenda, atolava-se pelejando na lama lhôfa do curral. (...) Topou em tôco, por exemplo, certa danada vez, quando levava aos camaradas na roça o almoço, desceu então o caixote da cabeça, feroz, de fera: para castigar o tôco, voltou pela espingarda; já a comida é que mais não achou, que por bichos devorada! – e culpou de tudo a cozinheira. Sempre via o mal em carne e osso. Se quebrava xícara, atribuía-o à guilha da que coara o café; se o prato lavado em água fria não saía a gordura, incriminava o sangrador do suíno ou o salgador do toucinho; se o leite talhava, era por conta de quem buscara as vacas. (Rosa, 1967, p. 88)

No conto, o gago e “descompletado” Mechéu era apelido de Hermenegildo, também chamado de Tatú. Trabalhava como um “semi-imbecil” e vivia “moscamurro”, “raivacudo”, gostando de mais ninguém além de si mesmo. Não se responsabilizava pelas besteiras que fazia, culpando sempre outros e exigindo para si “o bom respeito das coisas”. Xingava muito, “por diabo grande”. Muito feio, ficava ainda mais esquisito pelo seu comportamento. Gostava de ouvir caçarem dos outros, mas tinha medo de que lhe dirigissem as mesmas “malvadezas”. Sempre se dizia noivo de toda e qualquer “derradeira sacudida moça vista”, marcando até mesmo data de casamento.

Na missiva de 12 de abril (1949), conta ainda que passou três dias numa fazenda no centro da França, perto de Limoges, onde visitou alguns interessados a emigrar para o Brasil. Eram sete bretões que alugaram uma pequena propriedade para demonstrar suas capacidades técnicas. Segundo o escritor, a paisagem era bonita, mas monótona.

No mais, porém, tudo era tão diferente, do que a gente conhece... faias, com ninhos de pegas, e pintarroxos e tentilhões cantando, bonito, mas sem a selvageria álaçre dos pássaros-pretos. Vacas limusinas, gordas, ovelhas e cordeirinhos, e bois de charrua, tão simpáticos quanto os nossos bois-de-coice. (Rosa, 1934–1967, Rosa a P. M. Barbosa, 12 abril, 1949, p. 2)

Rosa nota como os bretões são ingênuos e não sabem absolutamente nada do Brasil, muito menos ainda da América do Sul. Querem vir ao Brasil após terem ouvido as pregações de um padre local que, ao voltar de viagem ao Brasil, escreveu na imprensa e passou a falar missas exaltando as belezas do país. Em seu relatório, Rosa acabaria não recomendando a vinda dos mesmos.

Em uma carta fechada no Rio de Janeiro, Barbosa conta ao primo que passou uma semana na fazenda Pindaíbas. Foram dias claros, sem chuva e noites deslumbrantes com “miríades” de estrelas, um verdadeiro espetáculo noturno. “Lembrava-me mais de você, principalmente de seu pedido para transmitir-lhe, por carta, o cheiro do boi, quando os

---

<sup>3</sup> A primeira foi na carta de 10 de março de 1934. “Quais são, por ora, os seus planos para depois de formado? Já está clinicando nesse bairro da serra? E a Secretaria? As conquistas amorosas? E a ida a Buenos Aires e o Mechéu?...” (Rosa, 1934–1967, Rosa a P. M. Barbosa, 10 março, 1934, p. 1)

meninos se punham a brincar com os bezerros mansos (coçando, abraçando, montando-os ou toreando-os)” (Barbosa, 1934–1967, Rosa a P. M. Barbosa, 14 março, 1949, p. 1).

#### 4. Mechêu, de novo, “chatterie” e África

Morando em Paris, Rosa pediu ao primo que fizesse para ele a assinatura do jornal *Gazeta*, de Paraopeba. O jornal deveria ser enviado para a sede do Itamaraty, no Rio de Janeiro, e dali seguiria via malote para ele, em Paris. “Pedro, velho”, é o vocativo da carta de 21 de maio (1949), quando confirma estar recebendo a *Gazeta* que “estira um tentáculo sentimental até Paris, para agarrar e puxar as saudades da gente”. Em seguida, conta que comprou uma gatinha persa azul, “que é um amor”. Explica como escolheu seu nome:

Os gatos de raça inscritos no L.R., tem de receber nome começado pela mesma letra, que muda cada ano, seguindo o alfabeto. Este ano, a letra é difícil: X. Se o bichinho fosse um gato, seria mais fácil, pois poderíamos batizá-lo Xerxes, Xá ou Xavier. Para uma menininha gata “mignone”, precisamos de um nome que não fosse pedante nem arrevesado, e com sonoridade em *i*, de preferência, pois eu acho que gatos gostam de nomes agudos, que lembrem um miado. Afinal escolhemos este: XIZINHA. É assim como Mlle. “X”, ou a “pequena X”, não é mesmo? Quanto ao sobrenome – obrigatório – temos de conservar o oficial, que recebem todos os gatos da criadora que no-la vendeu: de Keram (que aliás, filha de Thornhill BLUE BOY, – belo gatão inglês – e de Taikia de ESCUALDUNA, linda gata francesa. Se ela der cria no ano que vem, seus filhotes terão de ter nomes começados por Z: Zend, Zobeida, Zarathusca, Zorro; e o sobrenome (que vou registrar desde já no “Cat-Club” de Paris e no “Governing Council of the Cat Fancy”, de Londres, para minha futura chatterie) será: de Rosa. Que tal? (Rosa, 1934–1967, Rosa a P. M. Barbosa, 21 maio, 1949, p. 1)

Neste trecho, vemos o mineiro não só interessado pelos gatos que havia comprado como o desejoso de criar uma “chatterie” a partir das crias de Xizinha. Como sabemos, tal “chatterie” nunca chegou a prosperar, de volta ao Brasil, a gata e seus descendentes morreriam nos anos 1960.

Ainda nas cartas de 1949, ficamos sabendo que Pedro Barbosa tornou-se empreendedor imobiliário. Rosa chama o edifício que Barbosa constrói em Belo Horizonte de “feiosa pirâmide retangular”. Na carta de 19 de julho (1949), pede “para não deixar que esmoreça o nosso convívio epistolar, uma de minhas satisfações”. Pela quantidade de cartas que escreveu durante a vida ao primo, fica claro o prazer que o escritor sentia nesta atividade.

Nesta carta podemos saber que Rosa pretendia viajar à África para fazer caçadas em expedições. Conta que quase viajou para o Congo-Belga, para tomar parte de uma caçada de elefantes, leões, búfalos, gazelas e leopardos. Além disso, queria:

ver o negro em estado puro nas suas cubatas, plantando mandioca e falando língua preta; assistir à macumba autêntica, com feiticeiros-mestres, sacerdotes; escutar o nascimento do samba, e os tam-tans dos tambores, à beira das grandes florestas; saber o que é o sol, de



verdade; enfim, para olhar mais um pouco deste mundo, do olho do avesso. (Rosa, 1934–1967, Rosa a P. M. Barbosa, 19 julho, 1949, p. 1)

Estamos agora em pleno verão europeu. O escritor parece mais animado: “Pedrão, Paris está clara, quente, veranosa. Custou para escurecer, e lá fora a noite está azul como nas poesias.” O desejo revelado em 1934, ao largar a Medicina, de “escrever alguns livros de literatura e ver o mundo lá fora” está se concretizando. Ele usa mais da metade da carta para pedir ao primo que “acuda aqui o seu parente.” Tem planos de colocar em papel a biografia romanceada de Mechéu, para tanto, pede:

Por amor-de-deus, mande-me, pois o seguinte: I – Como era, mais ou menos, a fisionomia dele / A expressão? (Sei que era alto, magro, mas também, o formato da cabeça, cabelos, se tinha pescoço fino ou grosso, tamanho dos olhos, barba ou não-barba, cor de pele, formato das orelhas, e outras peculiaridades que ocorram.) / II – Que fazia ele, em geral à tarde acabado o serviço? / III – Além de tratar dos porcos, preparar a boia suína na masseira, levar comida à roça, para os camaradas, tinha ele mais algum serviço? / IV – E aos domingos, que fazia? / V – Era religioso? Supersticioso? / VI – Andava descalço? / VII – Tinha algum modo especial de caminhar? / VIII – E em matéria de vestir-se? / Que chapéu usava, por exemplo? / Gostava de vestir roupa velha que vocês lhe dessem? / IX – Dedicava alguma especial inimizade aos cachorros? Maltratava animais? / X – Que coisas gostava de comer? Gostava de cachaça? / XI – Na fala? Gaguejava? Ria muito? Ou pouco? / XII – Que é que lhe dava mais raiva? Nada de preguiça, oh, Peréira! Forneça-me isto, e mais alguma coisa marcante ou engraçada, que lhe vier à lembrança, sobre o inolvidável Hermenegildo. (*idem*, p. 2)

Como se percebe, o tema biográfico de “Mechéu” persiste entre os interesses do mineiro, a ponto dele montar o questionário a ser respondido pela família Moreira Barbosa. A resposta de Pedro chega no dia 25 de agosto (Rosa, 1934–1967, P. M. Barbosa a Rosa, 25 agosto, 1949), informando que esteve em terras “paraopebanas” e convocou uma reunião com o seus pai, mãe e irmãs para colher informações sobre o Mechéu. Comenta que o edifício, a “feiosa pirâmide retangular”, com 150 apartamentos, está nos últimos retoques.

Em seguida, Pedro se refere à descrição minuciosa, colorida e imaginária que Rosa fez da África Equatorial na carta anterior e que espicaça sua curiosidade: “Tanta esperança de fazer uma excursão dessas em sua companhia. A descida do Rio das Velhas, que está no programa de viagens, será o começo da série.” (*ibidem*). Na sequência, quinze dias após, Rosa (Rosa, 1934–1967, Rosa a P. M. Barbosa, 9 setembro, 1949) agradece o informativo sobre o “nosso imortalizável Mechéu!” A missiva de Pedro, com a descrição do funcionário, no entanto, não está entre as cartas do Arquivo Público Mineiro. Rosa admite que o relatório enviado “soa, assim, até como confabulação de comitê internacional”. Diz que agora fica com a obrigação de introduzir na literatura brasileira o “saudoso herói, corporação símbolo de um abundante aspecto humano, protótipo do “mecheísmo”, homo mecheensis, por excelência” (*idem*, p.1).

Sempre que pode, o autor volta ao tema da construção do edifício. Como era colecionador de listas de palavras e de expressões idiomáticas, ele sugere ao “grande construtor de grandes construções”, uma série de nomes para o edifício “belorizontino”:

Ed. Pindaibas, Ed. Barbosa, Ed. Olga<sup>4</sup>. Ed. D. Joaquina<sup>5</sup>, Ed. Tabuleiro Grande, Ed. Sagarana, Ed. Borba Gato, Ed. Concórdia, Ed. São Pedro, Ed. Mantiqueira, Ed. Excelsior, Ed. Jequitibá, Ed. Buriti, Ed. Petrópolis, Ed. Pedro Américo, Ed. Orion, Ed. Araguaia e Ed. Um. (*ibidem*)

## 5. Dicas da Itália e da língua italiana

Em seguida, na mesma carta, Rosa conta da viagem de férias que ele e Aracy Guimarães Rosa farão, a partir de 3 de outubro (1949) à Itália. Mesmo sem nunca ter ido ao país, ele devaneia: “A Itália é algo fantasticamente belo, inesquecível, importantíssimo, atraente: a velha Itália, plástica, luminosa e sonora.” Aconselha o primo a realizar viagens, brinca dizendo que depois de tanto construir edifícios, Pedro deve aprender a contemplar as ruínas:

(...) para ver como o tempo derrui o esforço dos humanos. Mas, como você é meu parente, e nasceu bom e cuida também do espírito, estará também edificando no imperecível (palmas ao orador). (*idem*, p. 2)

No pós-escrito da carta, segue a advertência de não contar à filha Vilma sobre a excursão à Itália, já que ela fica zangada se não participar. A resposta de Barbosa chega no dia 4 de outubro. Reitera sua expectativa pelo aparecimento de Mechêu na literatura brasileira e aproveita para informar que “Visconde de Caeté” é o nome escolhido para batizar o edifício em BH. Pedro justifica: “Nasci em Caeté e por isso a homenagem. Se não existisse ‘Edifício Paraopeba’, seria este o nome.” (Rosa, 1934–1967, P. M. Barbosa a Rosa, 4 outubro, 1949, p. 1).

Ao retornar da viagem à Itália, Rosa está exultante. Escreve de Paris em incessante e desmedido deslumbramento: “Fiquei conquistado, subjugado, deslumbrado.” Estamos em 10 de dezembro (1949), o escritor diz: “Uma vez indo à Itália, essa sereia arrasta a gente, a vida inteira, para que regressemos. Ritornare...” (Rosa, 1934–1967, Rosa a P. M. Barbosa, 10 outubro, 1949). Pouco depois, é Pedro Barbosa quem está preparando as malas, para uma viagem à Europa. Ela já vinha sendo engendrada nas missivas anteriores. Em dezembro de 1949 (s/d), Rosa chama o primo de “Jacintho de Thormes”<sup>6</sup> às avessas. Rosa parece mais animado do que nunca e diz que Pedro será hóspede deles à Rue Erlanger, 91. Se prontifica a recapitular o turismo parisiense, ponto a ponto. Fiel ao amor por listas, enumera os lugares que pretende levar o primo e sua esposa Olga:

<sup>4</sup> Nome da esposa de Pedro Barbosa.

<sup>5</sup> Nome da mãe de Pedro Barbosa.

<sup>6</sup> Referente ao personagem de *As Cidades e as Serras*, de Eça de Queiroz, publicado em 1901.

Arco do Triunfo, Torre Eiffel, Museu do Louvre, Inválidos, Tullherias, Versalhes, Chartres, Chantilly, Rambouillet, Malmaison, Sorbonne, Pantheon, Bois de Boulogne, Zoo de Vincennes, Museu de Cera, 20 outros museus, 50 teatros, Lisieux, Pierrefonds, Compiègne, Normandia e praias de Desembarque, Bretanha e Monte San-Michel, O Castelo do Loire. (...) E ainda mil e milhão de lugares, coisas espantosas para nós todos, infinda instrução e desabalado deslumbramento... Porque a listinha acima é apenas uma amostra, destinada a aguçar esse seu gume neo-turístico. (Rosa, 1934–1967, Rosa a P. M. Barbosa, dezembro 1949, pp. 1–2)

A década de 1950 começa com uma carta de Barbosa fazendo alterações na data da viagem. Rosa responde, em uma carta de quatro páginas, maior do que de costume.<sup>7</sup> Entende os contratemplos e adiamentos, mas que “qualquer tempo é tempo, conforme o caboclo.” (Rosa, 1934–1967, Rosa a P. M. Barbosa, 16 janeiro, 1950, p. 1). Depois de longo introito, em que reafirma o desejo dele e de Aracy receberem o primo, enumera sete longas questões profissionais para ajustar sua agenda aos planos de Barbosa com várias propostas de datas. Uma de suas preocupações, é a de que, em 8 de agosto (1950), completam-se dois anos no posto, e como é uma posição cobiçadíssima e não cultiva as boas graças da presente situação, pode ser removido para outro lugar, “e então seria bem cacete para nós todos”. (Rosa, 1934–1967, Rosa a P. M. Barbosa, 16, janeiro, 1950, p.3).

Na carta de 7 de junho (1950), Pedro envia felicitações a Rosa pelo novo título de Conselheiro de Embaixada, que os jornais brasileiros noticiavam, enquanto seguem as tratativas da esperada viagem à Europa. No dia 17 de junho, Rosa posta um recado de última hora, com visível urgência, “pressa louca”, pede um dicionário de *Regência dos Substantivos e Adjetivos* (1950), de Francisco Fernandes. Sabemos da paixão que o autor tinha por dicionários, que os lia de maneira voraz e, como o volume encomendado era muito grosso, pede para o primo trazê-lo na mão, sugere até que ele venha lendo, já que “é matéria altamente instrutiva” (Rosa, 1934–1967, Rosa a P. M. Barbosa, 17 junho, 1950, p. 1).

No dia 2 de julho, Rosa escreve pedindo dois vidros da mais forte pimenta malagueta, envelopes de cafiaspirina – que ministram até para os gatos – e meia dúzia de pacotinhos de Gumex, produto com goma para fixar os cabelos. A esta altura das trocas epistolares, Rosa prossegue inventado novos títulos para o primo: “Senhor de Altas e Baixas Pindaybas” e “Chefe da Loteia e Incorpora S.A”. Também percebemos que a viagem, afinal, realizou-se, que Barbosa e Olga estiveram em Paris. Pedro segue agora viagem com a esposa pela Itália e vai recebendo nas paradas algumas missivas de Rosa, que justifica a atitude: “É bom quando a gente chega, sozinho, em terra estranha, achar uma carta amiga, esperando” (Rosa, 1934–1967, Rosa a P. M. Barbosa, 2 julho, 1950, p. 1).

Ao chegarem em Veneza, Pedro e Olga leem: “Hoje, por exemplo, estará o Pedro de gôndola, lá vai o Dr. Barbosa singrando o Gran Canale, entre palácios, placidamente” (Rosa, 1934–1967, Rosa a P. M. Barbosa, 31 julho, 1950). São cartas animadas, repletas de dicas de viagem: “Não se aperte. Fale português, descansadamente, vagaroso, se for preciso. Eles acabam entendendo. É do interesse e da função do pessoal.” Seguem dicas

---

<sup>7</sup> Diz que o papel é o limite de suas “imensas cartas”.

com o montante correto a dar de gorjeta, utilidades turísticas, nomes de bistrôs e suas especialidades (“pãezinhos com fígado moído”, “uma boa bisteca”; ou uma “maravilhosa carne assada”). Além disso, envia nas cartas de 27 e 31 de julho, e na 7 de agosto (1950), um pequeno glossário da língua italiana. Na de 27 de julho, volta às listas:

per – para / destra – direita, lado direito. A destra – à direita / sinistra – esquerda. A sinistra – à esquerda / diritto – em frente, em linha reta / questo (cuêsto) – este. Questa esta / quello (cuêlo) – aquele. Quella – aquela / sono stanco – estou cansado / non sô – não sei / insieme – junto / ho molta fretta – tenho muita pressa / stazione – estação. (Rosa, 1934–1967, Rosa a P. M. Barbosa, 27 julho, 1950, p. 2)

Em 5 de outubro (1950), Rosa e Aracy estão em nova viagem à Itália. Ele conta que fez uma viagem belíssima às ruínas gregas de Paestum em que: “Tenho inscrito, por toda parte, o Dr. Pedro Barbosa passou por aqui.” (Rosa, 1934–1967, Rosa a P. M. Barbosa, 5 outubro, 1950). Nessa viagem, as famosas ruínas de Paestum impressionam o mineiro com seus três antigos templos gregos da ordem dórica, datados de cerca de 550 a 450 a. C, e que se encontram em bom estado de conservação. Barbosa, ao receber a carta, responde uma longa resposta em que explica seu silêncio recente. Esteve envolvido com um tio adoentado, além de trabalhar até aos domingos, sem tempo nem de ir ao cinema. Conta que passou noites seguidas repetindo aos parentes de Paraopeba, as novidades da viagem à Europa e as notícias do primo diplomata. Pedro diz que ao levar o tio adoentado ao oculista, falou dos planos da descida de canoa pelo Rio das Velhas e o médico ficou tão interessado que mostrou um mapa do rio, único no gênero, além de confessar interesse em fazer parte da excursão.

## 6. Santa Cruz S.A., Caldas do Cipó e *Grande sertão*

Agora estamos no Natal de 1950. Barbosa informa que, em alguns dias, irá a Goiás conhecer a capital e examinar negócios e terras para um possível loteamento. “É a ‘Loteia e Incorpora’ em marcha. Suas previsões estão a caminho de se tornarem realidade com essa empresa de nome tão significativo” (Rosa, 1934–1967, P. M. Barbosa a Rosa, 11 dezembro, 1950, p. 2). Nesta década, Barbosa irá propor a Rosa sociedade na Comercial Imobiliária Santa Cruz S. A., para compra e venda de imóveis. O capital da empresa começará com quatro milhões de cruzeiros, divididos em quatro mil ações de mil cruzeiros cada. Rosa aceitará tomar parte na empresa com CR\$ 50.000,00, ou seja, o correspondente a 50 ações.<sup>8</sup>

No dia 30 de janeiro (1951), Rosa escreve uma carta apressada para dizer que os acontecimentos se precipitam e, caso João Neves<sup>9</sup> tome posse, ele será nomeado chefe de

<sup>8</sup> Rosa passa a figurar no conselho fiscal com os outros sócios: Pedro Barbosa (900 ações), José de Magalhães Pinto (900 ações), Milton Vieira Pinto (900 ações), Ranulpho Mandes de Souza (900 ações), Raimundo Azeredo Santos (200 ações), João Eunápio Borges (120 ações), Custódio Antunes Fonseca (20 ações) e João Luis de Magalhães Lins (10 ações).

<sup>9</sup> João Neves da Fontoura, além de jornalista, foi deputado federal pelo PRR, ministro das Relações Exteriores durante os governos de Eurico Gaspar Dutra e Getúlio Vargas, embaixador do Brasil em Portugal entre 1943 e 1945 e membro da Academia Brasileira de Letras.

gabinete do ministro das Relações Exteriores: “é o João-Rosa (Dr.) indo para aí, para perto de você. Ele já me convidou, para voltar para o gabinete, e eu aceitei.” Pede, contudo, que Pedro guarde segredo. “Aliás, o meu estilo como você vê, é o mesmo dos nossos grandes estadistas; de São Borja a São Pedro, do Rio a Paris, o *mot d’ordre* é reserva, mutismo digno e sensato, até a hora de falar, e falar claro e bem.) Amém” (Rosa, 1934–1967, Rosa a P. M. Barbosa, 30 janeiro, 1951, p. 1).

Em resposta, Pedro Barbosa diz que a família está alvoroçada com a vinda do primo ao Brasil. Encomendas de Paris miniaturas para quarto e dois ou três vidros de extrato de Chiffon, de Marcel Rochas, perfume que Aracy deu para Olga e ela gostou imensamente. Ainda faz uma última solicitação: no dia 15 de fevereiro, embarcaria em Paris, o deputado da União Democrática Nacional (UDN), José de Magalhães Pinto:

Devo-lhe muitas finezas e por isso, se ele ainda o encontrar aí, que será pouco provável, pois vai de navio, gostaria que você o atendesse no caso de vir a procurá-lo. Foi meu colega de Banco Hipotecário e é diretor do Banco que me auxiliou decisivamente na crise por que passei no Rio quando fazia o Visconde de Caeté. (Rosa, 1934–1967, P. M. Barbosa a Rosa, 9 fevereiro, 1951, p. 1)

Não ficamos sabendo se Rosa encontrou ou não Magalhães Pinto em Paris. É certo que entre fevereiro e março ele retorna ao Brasil para trabalhar no gabinete de João Neves da Fontoura. No ano seguinte, do Rio de Janeiro, Rosa escreve uma lauda ao primo para dizer que andou ingrato: “é que houve muito carrapato no meu pasto.” (Rosa, 1934–1967, Rosa a P. M. Barbosa, 18 agosto, 1952). Conta que se mudará para um novo apartamento, e, rapidamente, relata que esteve na Bahia, numa concentração de vaqueiros e vaquejadas, em Caldas do Cipó (BA).

**Figura 1. Guimarães Rosa montado a cavalo em frente ao Grande Hotel Caldas do Cipó.**



Fonte: Imagem de João Martins/Gervásio Batista. *O Cruzeiro*, edição 41.

Em 23 de junho (1952), convidado pelo jornalista e empresário Assis Chateaubriand, Rosa cuidou, como representante do Itamaraty, do cerimonial que receberia Getúlio Vargas na pequena cidade baiana. Getúlio viajou ao local para inaugurar o Grande Hotel Caldas do Cipó, uma estância hidromineral, que Chateaubriand decidiu construir para incrementar o turismo no agreste baiano. Na ocasião, Rosa foi encarregado de liderar a ‘guarda presidencial’, em que vaqueiros encourados marcharam em escolta ao carro presidencial. Uma exigência feita por Chateaubriand era a de que todos os presentes se vestissem de vaqueiros. Assim foi que, desde o Presidente da República, passando pelos ministros, até o chefe de cerimonial, todos foram paramentados de chapéu de couro, guarda-peito, jaleco, gibão, calças e polainas, saindo em desfile pela minúscula Caldas do Cipó. Segundo contou a Barbosa, Rosa montou um vistoso cavalo paraíbano (Fig. 1).

Em 19 de dezembro (1954), Rosa agradece ao primo “toda a gestão” de algo que não ficamos sabemos do que se trata. No entanto, entre os agradecimentos, encontramos a seguinte informação:

E você é um dos homens de maior valor que já conheci – e graças a Deus, é o meu primeiro amigo! Também, dentro de uns cinco anos, hei-de começar a escrever a sua biografia que abrangerá os 50 anos de sua vida e será além do mais um livro de estímulo, uma lição de vitória e energia. E uma homenagem a Paraopeba, a nossa. (Rosa, 1934–1967, Rosa a P. M. Barbosa, 19 dezembro, 1954, p. 1)

Por mais que seja dito em tom de brincadeira, surge aqui outra vez a informação de Rosa pretende escrever uma “biografia”. Tal informação já havia aparecido por ocasião da pesquisa sobre Mechêu e não é algo a ser desconsiderado uma vez que ele acabaria fazendo pouco tempo depois a biografia de Riobaldo, que ele chamaria de “autobiografia irracional.”<sup>10</sup> Justo no ano de publicação de *Grande Sertão: Veredas*, em 8 de outubro (1956), Rosa pergunta a Pedro se ele recebeu o livro, que havia sido lançado em maio.

Informava ainda que pretendia fazer com o escritor e deputado Mário Palmério uma excursão ao sertão do Alto Urucuia, via Uberaba. Não temos, contudo, conhecimento de que tal viagem ocorreu. Ao ficar sabendo que Barbosa está lendo o romance, Rosa confessa, no dia 16 de fevereiro (1957), sua satisfação de ver o primo “enfrentando Riobaldo – mestre em manhas, artes, armas e filosofices.” Sugere que Pedro “ataque” também *Corpo de Baile*: “Você vai encontrar muita coisa sua vivida e valorizada. Lá, a “Dona Rosalina”, na novela *A Estória de Lélío e Lina* é personagem muito inspirada na pessoa de Dona Joaquina, você sabe?” (Rosa, 1934–1967, Rosa a P. M. Barbosa, 16 fevereiro, 1957, p. 1).

Em 27 de março, volta a escrever justificando que não conseguirá ir de novo a Paraopeba, apesar da dura saudade que sente. Depois de tratar das finanças da Mercantil Nova América S. A. (outra empresa que participará em sociedade com Barbosa),

<sup>10</sup> Em entrevista a Günter Lorenz (1973) Rosa chamará de “autobiografia irracional” a seu romance *Grandes Sertão: Veredas* (1956), referindo-se a figura de Riobaldo (R-io-bardo: Rosa-eu-poeta).

pergunta: “E o *Grande sertão: veredas*, você conseguiu ler o bruto até o fim?” (Rosa, 1934–1967, Rosa a P. M. Barbosa, 27 março, 1957). No final de 1957, envia, em 29 de outubro, um “Viva!”, para dizer que recebeu a missiva de Barbosa com as belas palavras a respeito de sua candidatura à Academia. Como se sabe, com a morte de José Lins do Rego naquele ano, Rosa se candidatará para a vaga, sendo derrotado, no início de 1958, por Afonso Arinos. Comenta ainda: “É uma coisa árdua e cansativa. Mas, muito movimentada e interessante. Tenho que fazer tantas visitas que você nem imagina”, e arremata: “Eta, ferro! – como exclamaria o Mechêu” (Rosa, 1934–1967, Rosa a P. M. Barbosa, 29 outubro, 1957, p. 1).

## 7. Brasília, fardão e a “pressa de ficar rico”

Sabemos que desde 1956, sempre na companhia de Juscelino Kubitschek, então Presidente da República, Rosa fará algumas viagens a Brasília, que começava a ser erguida. Após regressar de uma dessas viagens contará a Barbosa, que passou uns dias na nova Capital e que voltou maravilhado: “Admirável aquilo por lá, impressionante. Parece coisa de russos ou de americanos. Ali está incontestavelmente surgindo uma mentalidade nova, um vigoroso espírito afirmativo, que espanta.” Com verdadeiro ânimo moderno termina a carta: “Tanta coisa em turbilhão, que a gente nem tem tempo de fazer planos. Ô velocidade!” (Rosa, 1934–1967, Rosa a P. M. Barbosa, 17 junho, 1958).

Na missiva de 26 de fevereiro (1959), Rosa escreve que o corpo está dando sinais de alerta, teve uma isquemia e precisa de cuidados:

Imagine que, no fim do ano, a coisa foi mesmo um espasmo da coronária, por motivo de uma crise hipertensiva. Vi a vó pela greta. Dispneias, angústias. O diabo. Depois, médico, eletrocardiograma (bom, graças a Deus), repouso, exames completos de urina etc. (bons, também) e remédios e mais repouso. Com tudo isso, melhorei, bastante. Mas, como faço parte agora da grei dos hipertensos arteriais, tenho de viver mais sossegado, despreocupado, sóbrio. Consegui emagrecer já 14 quilos, o que me restituiu antiga e célebre elegância. O espírito vai bem. (Rosa, 1934–1967, Rosa a P. M. Barbosa, 26 fevereiro, 1959, p. 1)

Aproveita para dizer que a literatura “guimarãesroseana” está brilhando no estrangeiro. Aproveita para informar que chegam cartas de todos os cantos do planeta com pedidos de tradução. Em 27 de abril (1959), volta ao tema questão financeira, lembra ao primo que faltou uma pequena quantia na promissória recebida:

E veio também a promissória, “engrossada”, exultemos, ela já está no papo, isto é, na gaveta. Obrigado a você por tudo. Só o que não compareceu foi o cheque dos honorários do Conselho Fiscal da Mercantil. (Esquecimento de grande capitalista, para com as quantiazinhas microscópicas...) Mas, como “*quod abundat nom nocet*,” e “de grão em grão a galinha enche o papo” e “quem não honra o tostão não merece o milhão”, e “vintém poupado, vintém ganhado”, – respeitamos a sabedoria popular e os bons autores. (Se puder, mande cheque recebível nesta marítima; se não cheque provinciano mesmo serve.) Outro obrigado. (Rosa, 1934–1967, Rosa a P. M. Barbosa, 27 abril, 1959, p. 1)

A carta acaba com a notícia de que fechou com a Éditions du Seuil, de Paris, para o “Corpo de Baile”; Albin Michel, de Paris, para o “Grande Sertão: Veredas” e com a Alfred A. Knopf, Inc., de Nova Iorque, para “Grande Sertão: Veredas”.

No dia 8 de junho (1960), Rosa diz que precisa de “coragem, muita coragem” para enfrentar os momentos tristes da vida. Dá notícias de mortes na família:

Estou saindo para o enterro do Cinéias, e você pode avaliar qual seja o meu estado de espírito. Dois tios e amigos indo-se dessa maneira, em menos de um mês, é coisa que deprime. E viu, esta vida requer sempre maiores doses de coragem e conformidade, de filosofia. (Rosa, 1934–1967, Rosa a P. M. Barbosa, 8 junho, 1960, p. 1)

Em 30 de novembro, o tema da empresa volta à baila, com enfática urgência:

Boas notícias da Mercantil e Territorial. Pena é somente, que a minha picareta lá seja tão mínima. Ah, Pedrão, parente, me ajuda, que eu tenho pressa em ficar rico. Até porque, se não, não há tempo. Veja, pois, se me encaixa em qualquer outra rede prometedora, que vocês estejam lançando ou por lançar, em rio, lago ou mar! Nunca perca isto de lembrança, adote a fórmula, slogan: e o compadre Joãozinho também... Está feito? (Rosa, 1934–1967, Rosa a P. M. Barbosa, 30 novembro, 1960, p. 1)

Entre essas duas cartas, a saúde do escritor dá mostras de debilidade; a vida sedentária, regada à lauta cozinha mineira e muitas carteiras de cigarro vem cobrar seu custo. No dia 20 de outubro registra:

Eu é que não me animo a arredar pé daqui. Pressão alta, distúrbios do simpático, angústia... Quando começa a descambada da serra, meu caro, a gente vê que o corpo não ajuda, mas também bastante atrapalha. Só mesmo pegando com Deus e encurtando a rédea (Rosa, 1934–1967, Rosa a P. M. Barbosa, 20 outubro, 1960, p. 1).

Boas novas chegam em setembro de 1962. Entusiasmado, anuncia a chegada de mais um livro: “Em outubro ou setembro, ponho na rua mais um livrinho (bonito) de contos: ‘PRIMEIRAS ESTÓRIAS’. Vá preparando o apetite de ler, que nele se fala até no fabrico do polvilho, tomado como alto tema, conforme você me ensinou o das Pindas” (Rosa, 1934–1967, Rosa a P. M. Barbosa, 9 setembro, 1962, p. 1).

Em 17 de maio, manda uma correspondência breve, mas significativa, em que esboça um verdadeiro complexo de Josef K.<sup>11</sup>:

(...) mande ainda um rapidíssimo pedacinho de papel com os NÚMEROS das nossas ações. Assim, se na hora de receberem a nossa papelada os Impiedosos da Rapina, exigirem essa boba formalidade, mencionada no Regulamento, a gente se safa. Tenho um desgosto e medo, danados, dessa gente. O Imposto de Renda, para nós, mineiros de verdade, sempre foi o vero símbolo da desgraça particular e pública. Pilham o dinheiro da gente, e obrigam-nos ainda a essa trabalhadeira chata, de fazer contas, anotar tudo etc., sob toda sorte de

<sup>11</sup> Referência a *O Processo*, de Franz Kafka, em que a personagem Joseph K. é vítima do arbítrio da lei e da burocracia do Estado.



ameaças! Um dia, ainda hei de escrever um romance sobre isso. (Rosa, 1934–1967, Rosa a P. M. Barbosa, 7 maio, 1962, p. 1)

O escritor conta a Barbosa que está novamente candidato à Academia Brasileira de Letras (ABL). Em 4 de abril (1963), escreve:

Urgentíssimo. Estou tendo de acabar uma novela, com compromisso de entregar até o fim do mês; estou candidato à Academia, com as mexidas respectivas; estou às voltas com editoras estrangeiras e tradutores; enfim, estou como se diz, “pulando num pé só”! (Rosa, 1934–1967, Rosa a P. M. Barbosa, 4 abril, 1963, p. 1)

Vencedor no pleito na ABL, Rosa comenta com o primo, em 19 de agosto (1963), que o fardão não sai por menos de CR\$ 450.000,00 (quatrocentos e cinquenta contos): “É uma vistosa e brilhante farpela, uma gloriosa e explosiva brutalidade. Quase tão caro quanto um chapéu de cardeal” (Rosa, 1934–1967, Rosa a P. M. Barbosa, 19 agosto, 1963, p. 1). Os jornais cariocas especulam quem vai custear a vestimenta ao escritor: “Aqui, os jornais, noticiaram só mesmo da inventiva cabeça deles, que o fardão iria ser oferecido por Cordisburgo. O que é um gentil absurdo, pois o querido municípioinho, pequenino e pobre, nem poderia pensar em arcar com um ônus desse” (*ibidem*).

A obrigatória e festiva indumentária, feita em sarja inglesa na cor verde escura e com ramos de café bordados em fios de ouro, era dada, em geral, pelo estado natal do imortal. Rosa lista ao primo que a Bahia deu o traje a Afrânio Coutinho; Alagoas, a Aurélio Buarque de Holanda; o rico e cacauero município de Ilhéus, a Jorge Amado:

Será que a nossa Minas, de Tiradentes, João Pinheiro e Magalhães Pinto, vai agora faltarnos? Ou irá deixar que a P.I.S.A.<sup>12</sup> sozinha aguente o repuxo? Espero que não! Isto é, que as alterosas, à voz de seu grande governador e nosso insigne amigo, se apressem em promover o oferecimento – que dessa ampla e simpática maneira, abrangerá no gesto Cordisburgo, Paraopeba, Caetanópolis, Curvelo, Itaguara, Barbacena, Paracatu, o Uruçuia e seu Chapadão, o Grande sertão inteiro. Que tal? (*ibidem*)

Pela carta de 13 de setembro (1963), sabemos que Pedro Barbosa esteve pessoalmente no Palácio da Liberdade, em Belo Horizonte, para tratar com o governador de “fardar o João”. Mas, ainda, segundo o escritor, seria desejável que a assessoria de Magalhães Pinto fizesse uma divulgação à imprensa:

Explico-me. É que, daqui a poucos dias, será a eleição de Gilberto Amado, e segundo estou informado, o Estado de Sergipe, que é pequenininho e tão pobre, irá logo oferecer o fardão. E os jornalistas, aqui não sossegam, vivem a interpelar, mexer, bisbilhotar, futricar, espionar (imagine você, que eles procuram, sem tréguas, até o próprio alfaiate, o Penna, único fazedor de fardões, para especularem tudo o que há ou não há, sobre o caso), custando-me cada vez mais driblá-los e contê-los. (Rosa, 1934–1967, Rosa a P. M. Barbosa, 13 setembro, 1963, p. 1)

---

<sup>12</sup> Paraopeba Indústrias S. A (PISA), fábrica de tecelagem de Pedro Barbosa.

Barbosa recebe no dia 20 de novembro (1963), uma carta em que Rosa lhe confirma a resolução, afinal, da novela do “fardão”:

Imagine que, ontem às 2 horas da tarde, estava eu aqui, no Itamaraty, quando toca o telefone. Era o senhor Gerson Pereira Brasil, delegado do Estado de Minas Gerais, no Rio de Janeiro. Comunicava-me a decisão do governador, de oferecer-me o dito fardão, e, distintamente, me pedia hora para vir ver-me, em pessoa. Deixei-o vir, logo, logo, às 3 hs e 30. Tudo perfeito, gentilíssimo, daqui mesmo da minha sala ele telefonou para o alfaiate, convocando-o para qualquer tempo à Diretoria de Minas Gerais, digo, à Delegacia de Minas Gerais, para concretização oportuna da realização prático monetária. Não foi formidável? Já hoje, agorinha, estou enviando ao Magalhães Pinto este sincero telegrama: Governador Magalhães Pinto / Pálacio Da Liberdade / Belo Horizonte / Minas Gerais / Todo Tocado Grandioso Cordial Mineiro Elegante / Gesto Oferecimento Fardao Academico, Renovo Profundo Agradecimento Eminente Amigo / Guimaraes Rosa. (Rosa, 1934–1967, Rosa a P. M. Barbosa, 20 novembro, 1963, p. 1)

A questão da política nacional aparece nas cartas, quando quatro dias após o golpe militar de 1º de abril (1964), Rosa envia uma carta de uma lauda em que diz:

Meu caro Pedro, / Grande abraço. Viva. E glória a Minas Gerais, à nossa gente, boa, brava e certa, que todos aqui festejam, admiram e louvam. E ao nosso grande estadista Magalhães Pinto, ímpar no alto cenário, formidável; mas que nós já sabíamos que era o maior e melhor. Enfim, o dragão perigoso e feroz já está liquidado, podemos ter tranquilidade para trabalhar, produzir, viver. (Rosa, 1934–1967, Rosa a P. M. Barbosa, 4 abril, 1964, p. 1)

Rosa comemorava a derrota do “dragão perigoso e feroz”, metáfora possivelmente para o comunismo, que os generais associavam a Jango (João Goulart). Não temos a resposta de Pedro Barbosa a essa carta. Esta missiva é geralmente citada pelos estudiosos para confirmar o apoio que o escritor deu ao novo regime, que teve entre os seus principais articuladores, o próprio Magalhães Pinto, que Rosa trata como “nosso grande estadista.”

Quase um mês depois, em 5 de maio (1964), Rosa escreve uma carta de pesar pela morte de Dona Joaquina. Não sabemos a causa do óbito, mas fica claro, pelo texto, o quanto o escritor a admirava.

Uma dama, uma lady, uma Senhora. E que conversa magnífica, que maneira interessante de contar e comentar, com aquele jeito de muita alma, a voz e o modo amigo, que nunca mais saíram de minha lembrança, do meu coração. Ao pé dela, perto dela, parece até que a gente crescia mais, que tomava novas dimensões e sentido nossa amizade, fraternal, de nós dois. De nós – os “machados sem cabo...” (os médicos fora da medicina, como ela dizia, tão divertidamente) – felizes ali no ambiente, quente de afeto, comendo frango com quiabo e angu, linguíça e aipim, carne de porco, couve e tutu, e os formidáveis doces de frutas em calda... Se você reler, no *Corpo de Baile*, no conto a *Estória de Lélío e Lina* verá como a luz de sua lembrança e presença me impregnou, e que pude revivê-la, um pouquinho, refletida em personagem, principalmente naquela descrição da horta de lá, de sua casa. Acho que você, mesmo, deve muito a ela, de herdado, no “Pedrão” em suas melhores qualidades, dela diretamente vindas, e que fizeram o Pedro vitorioso, respeitado e estimado

de seus conterrâneos, querido por seus amigos – os que têm a sorte de o ser. (Rosa, 1934–1967, Rosa a P. M. Barbosa, 5 maio, 1964, p. 1)

No dia 24 de setembro (1964), outra missiva. Desta vez para dizer que está de malas prontas para a Alemanha, para participar da “Semana Cultural Latino Americana”, em Berlim. Posteriormente, a editora Kiepenheuer & Wish, responsável pela edição dos seus livros, vai oferecer uma recepção festiva, em virtude do lançamento de *Grande sertão: veredas*, nas terras de Goethe.

Do ano de 1965, o acervo mineiro conta com três cartas de Rosa para Pedro Barbosa. Uma do dia 6 de janeiro, em que este diz estar rearrumando as malas para Gênova, onde irá participar do colóquio de escritores latino-americanos. A segunda (de 22 de fevereiro) e a última (de 25 de março) tratam de negócios, aparecem questões referentes ao Imposto de Renda e às saudades que o escritor sente da família de Barbosa, de Minas e do “gyr berrando fartura e poesia.”

No ano de 1966, seguem três cartas de Rosa para Pedro. Na missiva de 17 de janeiro, se queixa do excesso de trabalho “ininterrompível, montanhoso, angustioso.” (Rosa, 1934–1967, Rosa a P. M. Barbosa, 17 janeiro, 1966). Conta que até no chuveiro não para de remoer o serviço na cabeça. Nelas, Rosa trata de negócios, Imposto de Renda e “expedientes financeiros”, em que tem tudo registrado à mão. Na carta de 2 de janeiro pede, em tom de brincadeira: “Cheque, Pedro, cheque (...) “Tudo que cai no jiqui é peixe”...” (Rosa, 1934–1967, Rosa a P. M. Barbosa, 2 janeiro, 1966).

Em 1967, seguem mais três cartas, em que trata de negócios. Em uma delas, sem data, Rosa está feliz porque Pedro leu e gostou de “Mechéu”: “(...) estória que você e Dona Joaquina me deram, e que, portanto, é bem de nós três.” (Rosa, 1934–1967, Rosa a P. M. Barbosa, 1967). Nesta carta, também conta que esteve na Amazônia e se aventurou pelos rios.

Desci de lancha até o encontro das águas, confluência do Negro com Solimões – os botos pulando fora d’água, aquela beleza toda, você viu, daí subimos o Solimões, até à ilha do Careiro. Outro dia, em lancha menor, entrei pelo “paraná” da Xiborena e furo do Pacauba: maravilha, macacos pulando nas árvores, pássaros, as jaçanãs em quantidade, tudo. Vi a Ponta Negra. (...) Comi tartaruga de todo jeito, e detestei; comi paca moqueada, pato ao tucupi, tacaca, pirarucu fresco, tucunaré, e mais porção de peixes, ótimos. Tomei assaí, pupunha, rala – rala de taperebá, graviola, cupuaçu (o creme ou mousse de cupuaçu é delícia). (*ibidem*).

Na carta de 11 de julho, Rosa finaliza: “Espero para o fim do mês a publicação do nosso último livro, “TUTAMÉIA – Terceiras Estórias”, onde figura o “Mechéu” (Rosa, 1934–1967, Rosa a P. M. Barbosa, 11 julho, 1967, grifo nosso).

## 8. Conclusão

Entendemos que esse conjunto de cartas aqui apresentado foi, senão negligenciado, subaproveitado nos poucos estudos biográficos acerca de Guimarães Rosa, a exemplo de Barbosa (2007), Costa (2006) e da própria Vilma Guimarães Rosa (1983). Talvez pelas

cartas estarem depositadas não no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), da Universidade de São Paulo (USP), mas no Arquivo Público Mineiro (APM), ou devido a carência de contextualização e incompreensão da importância de Pedro Barbosa na vida de Guimarães Rosa, elas tenham sido subaproveitadas. O próprio Barbosa tratou que sua presença na vida do escritor fosse discreta e estratégica, colaborando para o desconhecimento existente em torno de sua biografia.

Vemos por isso a necessidade de maiores estudos e de aprofundamento hermenêutico, analítico e biográfico da referida correspondência. Um dos poucos registros da importância de Barbosa na vida de Rosa foi dado pelo *Jornal do Brasil* chegou a realizar uma matéria em 1979 com o título “Cartas de um escritor com pressa de ficar rico” (*Jornal do Brasil*, 1977),<sup>13</sup> em referência ao que Rosa confessa na carta de 30/11/1960.

Apesar de nosso objetivo aqui ter sido o de relatar e sintetizar o conjunto das correspondências, temos a consciência de que as mesmas poderiam ser analisadas separadamente, em correlação com documentos presentes no Fundo JGR-IEB/USP, na Fundação Casa Rui Barbosa (FCRB) e na própria obra literária, como é o caso de um possível cotejamento entre o questionário de Rosa sobre Mechêu e as respostas dadas pela família Moreira Barbosa. Como se viu na obra, Rosa cumpriu sua promessa e introduziu “Mechêu” como personagem na literatura brasileira. Dito de outro modo, almejou e conseguiu ser o biógrafo deste trabalhador rural da Fazenda Pindaíbas. É interessante notar que, de 1934, primeira carta enviada a Pedro Barbosa pedindo notícias do Mechêu, até o lançamento do conto no livro *Tutaméia*, em 1967, passaram-se 33 anos.

Apesar da viagem planejada pelo rio das Velhas nunca ter ocorrido, assim como a viagem à África, vemos a importância das imagens e do imaginário neste planejamento, os devaneios que alimentavam as expectativas de viagens e travessias. Por outro lado, nas viagens realizadas, como à Itália e França, vemos a presença do imaginário sustentado e respaldado pelas experiências e vivências concretas. Por fim, resta um maior aprofundamento biográfico das relações econômicas, empresariais e comerciais entre Barbosa e Rosa entre os anos 1940 e 1960.

## Referências

- Abreu e Souza, M. R. (2012). *Meninos eu li!: cartas de leitores de Sagarana a Guimarães Rosa* (Tese de doutorado, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo).
- Andrade, M. S. (2010). *A palavra bravia: linguagem e sentido na correspondência entre Guimarães Rosa e sua tradutora americana* (Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro: PUC/RJ).
- Barbosa, A. (2007). *Sinfonia Minas Gerais: A vida e a literatura de João Guimarães Rosa*. LGE Editora.
- Costa, A. L. M. (2006). Veredas de Viator. *Cadernos de Literatura Brasileira*, 12(20-21), 10–58.
- Fernandes, F. (1950). *Dicionário de regência dos substantivos e adjetivos*. Ed. Livraria do Globo.

---

<sup>13</sup> Carta de José Guimarães Rosa a Pedro Barbosa, escrita a 19 de agosto, 1963.

- Jornal do Brasil (1977, 28 dezembro). Cartas de um escritor com pressa de ficar rico. *Jornal do Brasil: Caderno B*, 5. [http://memoria.bn.br/DocReader/030015\\_09/114259](http://memoria.bn.br/DocReader/030015_09/114259)
- Lorenz, G. (1973). *Diálogo com a América Latina – Panorama de uma literatura do futuro*. E.P.U.
- Miné, E., Cavalcante, M. N. B. (2008). Memória da leitura e rememoração. Da viagem: cartas de João Guimarães Rosa para Aracy de Carvalho Guimarães Rosa. In M. F. Scarpelli (Org.), *Poética migrante de Guimarães Rosa* (1.<sup>a</sup> ed., pp. 426–443). Ed. UFMG.
- Rosa, J. G. (1934–1967). *Correspondência*. Fundo JGR/IEB-USP. Arquivo Público Mineiro.
- Rosa, J. G. (1967). *Tutameia*. José Olympio.
- Rosa, J. G. (2003a). *João Guimarães Rosa: correspondência com seu tradutor italiano Edoardo Bizzarri* (3.<sup>a</sup> ed.). Academia Brasileira de Letras / Ed. UFMG Nova Fronteira.
- Rosa, J. G. (2003b). *João Guimarães Rosa: correspondência com seu tradutor alemão Curt Meyer-Clason (1958-1967)* (3.<sup>a</sup> ed.). Academia Brasileira de Letras / Ed. UFMG Nova Fronteira.
- Rosa, V. G. (1983). *Relembrações: João Guimarães Rosa, meu pai*. Nova Fronteira.
- Theodozio, V. M. P. (2011). *Autor & edição: três sub-séries da correspondência de João Guimarães Rosa*. (Tese de doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo).
- Viotti, F. B. (2007). *Encenação do sujeito e indeterminação do mundo. Um estudo das cartas de Guimarães Rosa e seus tradutores* (Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte).

[submetido em 24 de novembro de 2021 e aceite para publicação em 31 de outubro de 2022]